



miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 3, número 3, set-dez 2014

A SÁTIRA SOCIAL DE GIL VICENTE NA PEÇA O AUTO DA BARCA DO INFERNO (1517)



THE SOCIAL SATIRE OF GIL VICENTE IN THEATER PLAY O AUTO DA BARCA DO INFERNO (1517)

TÂNIA DOLORES PIRES CARDOSO, UNIVERSIDADE
ESTADUAL NORTE DO PARANÁ, BRASIL
MÔNICA AGUIAR MOREIRA GARBELINI,
UNIVERSIDADE ESTADUAL NORTE DO PARANÁ,
BRASIL

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [AS AUTORAS](#)
RECEBIDO EM 18/07/2014 • APROVADO EM 22/12/2014

Abstract

Gil Vicente, Portuguese playwright portrayed the Lusitanian society of the sixteenth century in his work *O Auto da Barca do Inferno* (1517) by judging the characters and their vices and defects after they are dead. With this, the author's intention was exposed human vices of satirical and naked form. Thus, the work *O Auto da Barca do Inferno* has a religious content

which focuses on the achievement of certain didactic and moralizing effect. This drama was written in the transition from the Middle Ages to the modern age, when man was still thinking of God (theocentrism), but also beginning to dominate the Anthropocentrism (man at the center of the universe). This piece, in short, in addition to being a religious work, aims to criticize the customs, habits and behaviors of a corrupt society, hypocritical and immoral.

Resumo

Gil Vicente, dramaturgo português, retratou a sociedade lusitana do século XVI em sua obra *O Auto da Barca do Inferno* (1517), fazendo um julgamento dos personagens e de seus respectivos vícios e defeitos após a morte dos mesmos. Com isso, a intenção do autor foi expor os vícios humanos de forma satírica e despojada. Desse modo, a obra *O Auto da Barca do Inferno* tem um teor religioso cujo foco é o alcance de certo efeito didático-moralizante. Esse drama foi escrito na passagem da Idade Média para a Idade Moderna, momento em que o homem ainda pensava em Deus (Teocentrismo), mas também principiava a predominar o Antropocentrismo (homem no centro do universo). Essa peça, em suma, além de ser uma obra religiosa, tem por objetivo criticar os costumes, hábitos e condutas de uma sociedade corrupta, hipócrita e imoral.

Entradas para indexação

KEYWORDS: History. Society. Portuguese Literature. Gil Vicente. Theatre.

PALAVRAS CHAVE: História. Sociedade. Literatura Portuguesa. Gil Vicente. Teatro.

Texto integral

Introdução

A obra *O Auto da Barca do Inferno* foi publicada em 1517, por Gil Vicente (1465-1536?), sendo impressa em folheto avulso (conhecido como cordel) e hoje um exemplar encontra-se na Biblioteca Nacional de Madri. Foi encenada pela primeira vez para a Rainha D. Maria de Castela, para o Rei D. Manuel I e sua irmã D. Leonor, chamada de a Rainha Velha, na época do natal, impressionando assim ao casal real, e a todos da corte.

Por todos os seus escritos, mas principalmente por essa obra em questão, que é o seu trabalho mais famoso, Gil Vicente foi reconhecido como o maior dramaturgo português.

Dessa forma *O Auto da Barca do Inferno* tornou-se uma obra-prima, vista como um instrumento no qual se criticava de forma ferina a sociedade portuguesa. O autor viveu a passagem do mundo medieval para a idade Moderna, período do surgimento do Renascimento (1527-1580).

A seguir faremos um levantamento dos acontecimentos desse período histórico, que foi bastante significante para a história de Portugal. Além de ter sido um momento conturbado de inúmeras transformações, pode-se definir o Renascimento, que teve início na Itália, no século XIV, e se expandiu pela Europa nos séculos XV e XVI, como um movimento de renovação artística, intelectual e científica.

No período anterior ao Renascimento, as pessoas identificavam-se com a sua função na sociedade, fosse ela a de camponês, cavaleiro ou artesão; além disso, atribuíam todos os fenômenos naturais à vontade de Deus e consideravam a vida após a morte uma preocupação maior do que a vida na Terra. Portanto, o Renascimento abriu caminho para o questionamento dessas verdades antes absolutas. A partir daí, surgiu uma nova sociedade, que tinha como lema abandonar as velhas autoridades feudais e os preconceitos religiosos, aceitando somente aquilo que beneficiasse e pudesse incentivar seu desenvolvimento econômico e social.

Entre as principais características do Renascimento estava o humanismo, que defendia a valorização do ser humano, a busca da verdade pelo uso da razão e a retomada dos estudos dos pensadores da Antiguidade. Tais mudanças eram uma negação ao Teocentrismo, período que marcou a maior parte da Idade Média e no qual Deus era o cerne das preocupações humanas. Já na Baixa Idade Média, o ser humano passou a valorizar sua capacidade de pensar por si, o que deu origem ao antropocentrismo, que colocava o homem como o centro do universo, valorizando a humanidade como nunca havia sido feito antes. Essa nova visão não significava necessariamente a negação da religião ou de Deus, mas sim uma maior estima pela racionalidade, senso crítico e individualidade. Foi nesse contexto que surgiu aquele que é considerado como o pai do teatro português, Gil Vicente, poeta e dramaturgo, e um crítico atento e mordaz da sociedade lisboeta.

O teatro propriamente dito em Portugal teve início com Gil Vicente, em 1502, com a representação da peça *Auto da Visitação*. Desde o século XI, fala-se em teatro em Portugal, com formas bastante rudimentares. Ainda na Idade Média, as peças de teatro eram de caráter religioso e apresentadas no pátio das igrejas e mosteiros, com temas que iam das cenas bíblicas, vidas de santos, chamadas de mistérios ou milagres, até as nomeadas como moralidades, peças mais curtas, com simbolismo moral, nas quais seus personagens representavam virtudes e vícios e as farsas. As representações de farsas e de autos, que eram pequenas peças de tema religioso, aconteciam nos festejos católicos (Natal, Páscoa etc.). Após o período mencionado – século XI - foram surgindo as representações populares com intenções satíricas e outros tipos de representações como os monólogos, sermões burlescos (gênero que existe na literatura espanhola do século XV, e nas representações populares portuguesas da mesma época). Tiveram início também outras imitações como a ladainha e as *sotties*, que eram as farsas em que os personagens eram tolos, dessa forma podiam falar livremente, dando oportunidade a críticas explícitas e violentas, por meio do humor.

Outro aspecto importante, a ser destacado, é que a obra do castelhano Juan del Encina (1469-1529) foi para Gil Vicente uma inspiração inicial e que depois a mesma se desenvolveu de forma fecunda por mais de trinta anos, tornando-se o escritor Gil Vicente o maior talento dramático conhecido em Portugal. Vale lembrar que a corte portuguesa da época era bilíngue, visto que, no século XVI, todas as esposas dos reis portugueses eram castelhanas e por isso ocorreu a difusão da cultura que foi intensa na realeza portuguesa.

Características gerais do teatro vicentino

Gil Vicente era um frequentador assíduo da corte, todavia continuava a ser um artista enraizado nas tradições populares, e isto se verifica ao se observar que, em suas peças, desfilam toda a galeria de tipos humanos da sociedade portuguesa: reis, clérigos, camponeses, cavaleiros, princesas e alcoviteiras. Além, disso ele também empregou outros elementos como a poesia popular e os costumes folclóricos, aproveitando-os para a composição de seu teatro. Outro fator

importante da arte vicentina foi à linguagem rica e variada dos personagens, de acordo com a sua origem e posição social. Ele ainda explorava o trocadilho, os ditos populares e utilizava-se de falares regionais, e aproveitava (como trovador que era) a beleza da linguagem das cantigas e a suavidade dos hinos religiosos. Mas o que realmente interessava a Gil Vicente era a vida quotidiana, com a representação dos problemas de seu tempo.

Para a construção de suas obras teatrais de cunho moralizante, crítico e satírico, Gil Vicente criou personagens típicos, também chamados tipos sociais, e esses personagens eram uma representação social de todas as suas camadas - clero, nobreza e povo - com tendência à caricatura.

Crítica social

O teatro popular de Gil Vicente expressa uma visão extremamente crítica da sociedade da época. Sendo assim, uma das características mais complexas e vitais do teatro vicentino é que ela não se curvou ao seu tempo, pois ele foi um crítico feroz, bombardeando todos os setores da sociedade, poupando apenas as instituições religiosas, isto é, ele não criticava a Igreja e sim o frade, presente em todos os setores da sociedade portuguesa, ou seja, “Gil Vicente censura nele [...] a desconformidade entre actos e os ideais, pois em lugar de praticar a pobreza, busca a riqueza e os prazeres” (LOPES e SARAIVA, 2001, p. 199). Contudo, ele também não criticava o Judiciário, que era representado pelo corregedor e o procurador, na obra *O Auto da Barca do Inferno* e sim a conduta destes, pois eles trapaceavam, roubavam e recebiam propinas em decorrência do cargo que ocupavam.

Gil Vicente não fazia distinção entre classes sociais, colocando em cena os erros e vaidades de ricos e pobres, nobres e plebeus; censurava a hipocrisia do clero em nome da fé cristã; denunciava aqueles que exploravam o povo, sejam eles sapateiros ou juizes; evidenciava a imoralidade das alcoviteiras, satirizava os velhos que se interessavam pelas jovens e ridicularizava os supersticiosos e os charlatões. Além disso, o autor deixava evidente em suas peças que seu objetivo não era só divertir, mas destacar os vícios de uma sociedade materialista, hipócrita e corrupta, para reconduzi-la para o caminho do bem, por meio da revelação de seus erros.

Assim, o que Gil Vicente tinha como propósito, ao fazer suas críticas, realizar uma tentativa de resgatar os valores perdidos pela sociedade portuguesa em função do desenvolvimento comercial. Mesmo já vivendo no Renascimento, ele não aceitava o homem como a medida de todas as coisas e ainda se preocupava com as questões espirituais, como a salvação da alma.

O auto da barca do inferno – uma alegoria do juízo final.

Gil Vicente escreveu ao todo quarenta e oito peças, algumas em castelhano e outras bilíngues, que estão divididas em autos de devoção ou moralidade, as farsas e as tragicomédias. Entre todas as suas obras, *O Auto da Barca do Inferno* foi a que mais se destacou, considerada como uma peça de tema moralizante, e sendo também catalogada entre as peças alegóricas de edificação religiosa.

A obra *O Auto da Barca do Inferno* tem como cenário um rio imaginário com duas barcas, local no qual vão todas as almas dos personagens após a morte. E cada uma dessas barcas possui um capitão – a do Paraíso, um Anjo; a do Inferno, um Diabo, que tem um ajudante. A peça se inicia com a chegada das almas dos personagens que são compostos pelo fidalgo que, mesmo com sua prepotência, acredita ser merecedor da recompensa divina, pois deixou na vida pessoas que rezassem por ele; o onzeneiro ambicioso (agiota), sua condenação deveu-se à ganância e à avareza; o parvo (ingênuo) foi para a barca do Anjo, pois era uma pessoa humilde e modesta; o sapateiro, personagem que ao chegar na barca do Diabo se sente injustiçado, pois morreu depois de haver confessado seus pecados e comungado. Ele, porém, é lembrado de que roubara o povo com seu ofício e, portanto, é condenado pela hipocrisia religiosa e por roubo; o frade (namorador) teve como sentença o falso moralismo religioso; a alcoviteira é condenada por feitiçaria e prostituição; o judeu tem como defeito o preconceito religioso, visto que Gil Vicente ora ataca, ora defende esse personagem, de modo que ele defendeu os cristãos novos publicamente no período de perseguição religiosa; o corregedor e o procurador foram condenados por corrupção e pelo uso do poder em proveito próprio, um fato muito comum entre os bacharéis da justiça no passado e também nos dias atuais; o enforcado (testa de ferro) retoma a sentença do corregedor e do procurador, que é a burocracia corrupta e, por fim, os quatro cavaleiros de Cristo, que trazem como

símbolos uma cruz, morreram nas cruzadas, portanto, foram para a barca do Anjo.



Todos os personagens foram julgados pelos atos que praticaram em vida, e somente dois deles foram absolvidos, ou seja, alcançaram a salvação. É importante notar que todo esse cenário – rio, porto, barcas, Anjo e Diabo - foi a maneira escolhida por Gil Vicente para representar a passagem da vida terrena para a vida eterna, criando assim a moldura simbólica do auto, e nos apresentando uma obra com sua divisão em teatro de costumes e de religiosidade alegórica.

Percebe-se, no momento inicial da peça, a euforia do Diabo ao preparar a embarcação para receber as almas, mostrando-se muito alegre e simpático, enquanto o Anjo está sempre calado e sério, sendo visível que as diferenças entre eles: Bem x Mal e Céu x Inferno, refletem-se nas posturas assumidas adotadas por cada um desses personagens. Dessa maneira, a seriedade do Anjo contrasta com a alegria do Diabo, que irá receber muito mais almas, uma vez que os personagens da peça, na sua grande maioria, são maus e não merecem que suas almas sejam salvas.

Por meio da condenação daqueles que praticaram somente más ações no *Auto da Barca do Inferno*, nota-se que Gil Vicente pretendia conscientizar os espectadores de sua peça, para que se arrependessem de seus pecados e passassem a praticar o bem, pois caso contrário, depois da morte, seriam condenados aos sofrimentos e penas eternas no inferno.

Considerações finais

Podemos considerar que Gil Vicente viu-se indignado com as atitudes da sociedade portuguesa, que estava em decadência, e tentava alertar o povo para que os valores e costumes não se perdessem.

Ele soube fazer um trabalho em que aliava a diversão e o espírito reformador, respeitando as instituições e tudo isso com bastante qualidade estética. Embora suas críticas envolvessem a igreja católica, elas eram voltadas para os indivíduos, os quais eram membros

do clero, que se comportavam de maneira mundana, e não se preocupavam e nem se importavam com a religião em si.

Vale enfatizar que tudo aquilo que Gil Vicente criticava na sociedade portuguesa, acontece ainda no mundo contemporâneo, apesar do grande lapso temporal transcorrido. Além disso, ao mesmo tempo em que suas peças divertiam a nobreza, também contribuíam para educá-la e, dessa forma, tinham a intenção de contribuir para que o homem refletisse sobre seus atos, enquanto vivessem nessa Terra.

Em suma, o que Gil Vicente buscava, nas suas peças, era evidenciar os erros dos indivíduos e enaltecer suas virtudes, buscando sempre destacar que os atos humanos tinham consequências depois da morte, uma vez que aqueles que praticassem o bem e ações virtuosas, ganhariam o paraíso, e aqueles que pecassem e se corrompessem, teriam como destino certo as profundezas infernais, num castigo eterno.

Com sua “lógica da preferência”, perturbadora à velha “lógica dos pressupostos” (DELEUZE, 2011, p. 97), Bartleby seria, pois, um anti-humanista, se “humanismo” significar “o homem” da citação acima, carregado de moral e ressentimento, ou um anti-Cristo – Deleuze, num ímpeto messiânico, o chama de “o novo Cristo”. No entanto, tampouco caberia denominar como um “novo ou outro humanismo”, nem mesmo um “humanismo inumano”, uma vez que tais jogos opositivos de um pensamento guiado pelo binário parecem canhestros e insuficientes para se falar disso que vem ou que estaria por vir. Intrusão criadora de um esgotamento das possibilidades que, em lugar de paralisar, inscreve uma abertura às impossibilidades. Voltando a Deleuze (2010), se o possível é o que já existe e de algum modo está dado, somente a partir das impossibilidades criam-se novos possíveis.

Referências

- AUER, Sérgio, CAMPESTRINI, Hildebrando. **Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa**. São Paulo: FTD, 1976.
- BRAICK, Patricia Ramos, MOTA, Miriam Becho. **Historia: das cavernas ao terceiro milênio 2**. ed. São Paulo: Moderna, 2006.
- LOPES, Oscar, SARAIVA, Antônio José. Gil Vicente. In: **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2001, p. 189-125.

SARAIVA, Antônio José. **História da Literatura Portuguesa**. 8. ed. revista. Minas Gerais: Edições Tapir, Ltda, 1965, p. 44-52.

TUFANO, Douglas. **Estudos de Língua e Literatura**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo. Moderna, 1985.

VICENTE, Gil. **O Auto da Barca do Inferno**. Preparação e revisão Ana Maria Barbosa e Nelson Luís Barbosa. São Paulo: Ed.Klick, s.d.

VICENTE, Gil. **Farsa de Inês Pereira; Auto da Barca do Inferno; Auto da Alma**/ Gil Vicente. São Paulo: Martin Claret, 2010. (Coleção a obra prima de cada autor).



Para citar este artigo

CARDOSO, Dolores Pires Tânia; GARBELINI, Mônica Aguiar Moreira Felipe. A Sátira Social De Gil Vicente Na Peça O Auto Da Barca Do Inferno (1517). **Miguillim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 3, SET.-DEZ. 2014, p. 60-68.

As Autoras

Tânia Dolores Pires Cardoso Cursa Letras/Inglês na Universidade Estadual do Norte do Paraná. Participa do Grupo de Pesquisa Literatura e Ensino da UENP e do PIBID-UENP/2014 - Subprojeto de Letras-Inglês. Possui graduação em Administração de Empresas - Faculdades Integradas de Ourinhos (1989) e graduação em Ciências Contábeis - Faculdades Integradas de Ourinhos (1991).

Mônica Aguiar Moreira Garbelini Possui graduação em Letras - Inglês pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (1984). Atualmente é professor assistente da Graduação e Pós-Graduação em estudos da Língua Inglesa na Universidade Estadual do Norte do Paraná. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa e Prática de Ensino da Língua Inglesa. Membro da Comissão de iniciação científica e da Comissão de Pesquisa da UENP. Coordenadora de um grupo de pesquisa e de Projetos de extensão universitária. Diretora de Assuntos Acadêmicos. Tem experiência na área de letras, com ênfase em Língua Inglesa e Prática de Ensino da Língua Inglesa.